

## 2

### Crianças e televisão: o que dizem as pesquisas

A relação das crianças com a televisão tem sido foco de constantes debates acadêmicos, onde, a partir de diferentes referenciais teóricos, de um modo geral as pesquisas oscilam entre estudos de efeito e de audiência, de cunho quantitativo, e estudos de recepção, de cunho mais qualitativo. A grande maioria das pesquisas que usam metodologia quantitativa tem como objetivo analisar os efeitos de programas violentos sobre o comportamento de crianças e jovens. Apesar de não ser este o objetivo deste estudo, considerou-se importante para o trabalho tomar como referência inicial o que estas pesquisas dizem sobre a percepção que as crianças têm da violência representada na tevê, tendo em vista que elas também investigam hábitos e práticas de ver tevê, assim como possíveis fontes de mediação da apropriação, pelas crianças, do conteúdo dos programas a que assistem. Neste capítulo apresentaremos algumas pesquisas que tiveram como foco os temas acima apontados.

Rivoltella (2004), pesquisador da Università Cattolica del Sacro Cuore, em artigo intitulado “*Convidada*”, “*intrusa*” ou o quê? *Os efeitos da televisão na infância: entre a realidade e os discursos sociais*, traça um mapa das pesquisas européias que examinam os efeitos da *exposição*<sup>5</sup> das crianças à televisão. A partir destas pesquisas o autor estabelece uma tipologia de efeitos:

- Efeitos de curto prazo no plano psico-cognitivo, onde estariam incluídos, segundo Rivoltella, os estudos sobre mecanismos de projeção e identificação, como processos de interação entre o espectador e a realidade representada na TV;
- Efeitos de curto prazo sobre o plano comportamental, dos quais tratam as pesquisas que analisam a relação entre o que é exibido nas mídias e os comportamentos que elas podem induzir no público;
- Efeitos de longo prazo sobre o plano psico-cognitivo: esses efeitos trazem consigo a idéia de que a televisão “inibe a criatividade infantil, reestrutura os

---

<sup>5</sup> Esse termo tem uma conotação negativa, assim como o termo receptor. Exposição também está embestado com a idéia de passividade do telespectador em face aos conteúdos da televisão, especialmente pelas crianças. Surge num contexto em que a relação com os conteúdos da tevê é vista somente como fator de inculcação, significa estar sujeito a ação de algo. Nesse caso exposição está relacionada com contaminação, como algo que é inoculado no corpo e na mente do espectador sem que ele se dê conta e que contamina seu modo de ser e de pensar. O termo está empregado aqui da forma que foi usado pelo autor, mas preferimos adotar os termos assistir à ou ver televisão.

processos mentais das crianças, favorece a construção de uma identidade frágil, até mesmo o fim da infância” (2004:14.);

- Efeitos de longo prazo, onde se destacam as pesquisas sociológicas e as observações dos psicopedagogos. Estes estudos abordam temas relativos à transformação da realidade social, impactos da televisão sobre a sociedade, seus hábitos e valores, enfocando o que se convencionou chamar de *zapping televisivo* e *zapping social*.

O autor faz uma análise do estado da arte das pesquisas que estudam a relação entre o que é veiculado nas mídias e a violência experimentada nas sociedades atuais, subdividindo-as em cinco grandes grupos: teorias de caráter primário da agressividade; teorias de caráter secundário da agressividade; teorias de caráter adquirido da agressividade; violência na TV e subjetividade e, por fim, a violência da representação. A ênfase dada pelo autor se deve ao fato do número de pesquisas ser majoritariamente relacionado a esse tema.

A partir das análises das pesquisas, Rivoltella (2004) coloca a questão envolvendo o que há de realidade e de fantasia no que se diz quanto à influência exercida pela televisão sobre a infância contemporânea.

Bailén (2002) faz uma análise do estado da arte de pesquisas espanholas e européias sobre audiência, onde apresenta um histórico do uso do conceito de massa e aponta para o surgimento do conceito de audiência ativa<sup>6</sup>. Ela afirma que o conceito de audiência redonda de algumas peculiaridades do conceito de massa. Este surge com a revolução francesa para indicar, em tom pejorativo, a multidão formada pelas classes populares (incultas e pobres) (idem: 16). O conceito de audiência é flexível e sujeito a mudanças, mas a autora adverte que, apesar de todas as mudanças ocorridas, as pesquisas consideram que a atuação do telespectador é sempre determinada e condicionada pelos meios. Para explicar os conceitos de audiência e seus diferentes campos teóricos, Bailén traz os estudos de Cuesta nos quais se distinguem três perspectivas para a observação da realidade social: macrosociológica, grupos sociais e formas de sociabilidade. Para Bailén, essas perspectivas coincidem com os três possíveis enfoques de estudo da audiência indicados por ela: massa, grupos e indivíduos.

---

<sup>6</sup> Conceito apresentado na introdução

Os estudos que entendem audiência como massa têm início quando os países participantes das Grandes Guerras e alguns regimes totalitários passaram a usar a comunicação de massa como propaganda estatal, a partir de estudos de efeito sobre opinião pública. Na Espanha, o duplo uso da televisão como transmissora de propaganda política e como otimizadora do consumo, na época franquista, também ocorreu e as pesquisas realizadas nesse período apontavam para a capacidade da televisão de orientar os telespectadores. Partia-se da idéia assimétrica de estímulo-resposta da comunicação, onde o emissor envia a mensagem e o receptor apenas sofre o “ataque”, situação em que o primeiro agente domina completamente o segundo (2002: 25). Segundo Bailén, essa concepção de massa oculta as identidades individuais e não permite o aparecimento da identidade coletiva como comunidade, escondendo as relações coletivas assimétricas e desiguais. Ela indaga se este conceito de massa continua operacional nos tempos atuais e conclui que os conceitos de massa e de globalização têm entre si mais similaridades que diferenças, mas não define quais seriam. Na opinião da autora, não é que as massas tenham desaparecido, mas há necessidade de refletir em que tipo de objeto se converteram.

Bailén assevera que a visão da audiência como um comportamento automático foi se dissolvendo e que as primeiras abordagens que se preocupavam apenas com dados sócio demográficos como idade, sexo e renda tiveram que incluir aspectos mais sutis do consumo televisivo. Significa que os resultados de pesquisas de audiência podem ser definidos também por categorias estabelecidas a partir de características específicas dos receptores (2002: p.30). Trata-se, neste caso, das abordagens por grupos sociais. Essa autora espanhola se pergunta quais seriam os critérios para a formação dos grupos sociais, pois desta qualificação dependerá a definição da abordagem metodológica.

Em muitos casos, os estudos de audiência são criados para atender à lógica mercantilista. Nestas sondagens, classe social é uma variável importante. Mas há pesquisas que estão mais interessadas em saber mais sobre o comportamento do telespectador sem interesses comerciais. Nestes casos, a variável classe social já não se reveste mais de tanta importância, pois o uso da televisão está tão difundido que é mais relevante observar a audiência por outras variáveis, que espelhem melhor suas nuances. A audiência, segundo Bailén, deve ser definida nas questões relacionadas ao consumo diário de tevê, mas também nas questões

que levam em conta a valoração do que é assistido, de modo a entender melhor sua diversidade. Assim, deve-se abarcar, nas sondagens, questões relativas ao estilo de vida dos telespectadores, bem como o que fazem em seu tempo livre.

Um dos conceitos teóricos mais relevantes para a compreensão da diversidade da audiência é o de comunidades interpretativas, entendidas como comunidades “integradas por personas que comparten las mismas experiencias respecto a las tecnologías, códigos, contenidos, ocasiones e rituales comunicativos” (2002: 35). Esse conceito permite ao pesquisador acentuar o vínculo entre consumo e contexto social. Esse conceito tem sido mais empregado pelo campo dos Estudos Culturais, onde se investigam contextos culturais e família como instâncias de mediação da relação do receptor com as mídias.

A autora ressalva que a globalização da comunicação proporciona a formação de identidades mais complexas, com grupos sociais mais provisórios e fronteiras mais difusas o que dificulta os estudos de audiência com ênfase na análise de grupos sociais. Além disso, é preciso levar em conta que os indivíduos podem pertencer simultaneamente a vários grupos sociais.

Bailén aponta os Estudos Culturais e os Estudos de Recepção como focados nos indivíduos; nesse contexto, a audiência é estudada pelo sentido que os telespectadores atribuem ao que é veiculado na tevê, que ela descreve como uma preocupação por atender às peculiaridades pessoais e escutar o modo como o telespectador explica sua própria experiência midiática. Esses estudos sofreram forte influência da perspectiva etnográfica. No entanto, o foco no indivíduo não significa exclusão da perspectiva macro-social, apenas uma complementaridade entre o macro e o microsocial. Não se trata de conhecer o macro através do micro, mas de compreender que o macro se encontra no entorno do indivíduo e atua como determinante da sua vida cotidiana, especialmente de seu consumo e de recepção midiáticas. Ela assume que: “el individuo determina como funciona la sociedad y, al mismo tiempo, los procesos sociales determinan las conductas individuales. Se considera al individuo como elemento colectivo”. (2002: 38).

Livingstone (1999) organizou e coordenou um projeto de pesquisa multidisciplinar internacional, que consistia em um estudo comparativo sobre a relação que crianças e jovens estabelecem com as mídias nos seguintes países: Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Holanda, Espanha, Suécia, Suíça, Reino Unido e Israel. Esse estudo tinha como objetivo

compreender o significado e a difusão da mídia, incluindo a velha e a nova mídia, entre os membros mais jovens dessas sociedades. Os dados permitiram mapear o acesso à mídia em casa, a propriedade pessoal de equipamentos midiáticos e o tempo gasto com o uso das mídias. A pesquisa abordou televisão (aberta e por assinatura), videocassete, computador pessoal, internet, videogames, livros, telefone. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário-base e um cronograma de entrevistas individuais, aplicados em todos os países, com amostras estatísticas representativas da população infantil e juvenil.

Uma das conclusões a que estes pesquisadores chegaram é que, em termos gerais, há uma saturação de acesso nos lares europeus à televisão e ao videocassete, ou seja, nos lares europeus a televisão é quase de uso universal. Também observaram que nesses países, quanto maior o número de horas assistindo a televisão, mais alto o número de aparelhos de tevê nas residências, configurando-se uma estreita correlação entre eles. Eles não encontraram uma estreita correlação entre classe social e a quantidade de aparelhos de tevê (Na Finlândia, França, Itália e Reino Unido, a possibilidade de jovens e crianças terem seu próprio aparelho de tevê é evitado nas classes sociais mais altas), sendo que meninos e jovens têm mais probabilidades de terem seu próprio aparelho de tevê do que meninas e crianças.

Quanto ao tempo gasto assistindo tevê, existem diferenças consideráveis entre esses países. Na França, Suíça e Alemanha se gasta, em média, 1 (uma) hora e meia por dia. Na Dinamarca e Reino Unido assiste-se, em média, 2 (duas) horas e meia a tevê por dia. Em média os meninos assistem mais que as meninas e os jovens vêm consideravelmente mais tevê que as crianças menores. Isto sugere que os padrões de uso estão relacionados com a propriedade de seu próprio aparelho. Também observaram que ambas variáveis juntas (número de horas e propriedade de aparelhos de tevê) indicavam maior ou menor ênfase na televisão como atividade de lazer. Eles apontam duas exceções: Alemanha e Israel. Apesar de esses países apresentarem os números mais altos de crianças e jovens com multicanais em seus quartos, seus números relativos ao tempo dedicado a assistir à tevê estavam entre os mais baixos (quantidade de horas). Para os pesquisadores isto indica a importância de fatores culturais, principalmente atividades de lazer concorrentes, que fazem mediação entre oferta e uso da mídia (2002: 56).

Um estudo realizado por Agueded Gómez (2000), incluído no campo dos estudos de efeitos, que ele denomina estudos de impacto. Ele definiu como objetivo principal estudar os contextos de consumo televisivo. Essa pesquisa também teve um caráter de formação, pois se propôs a dar subsídios aos docentes para que estes desenvolvessem materiais didáticos que redundassem numa melhoria da qualidade da atividade educativa no sentido de preparar as crianças para enfrentarem os efeitos da tevê (2000: 207). Este autor analisou as relações que escolares da cidade de Huelva (Espanha), entre 11 e 13 anos (alunos que estudavam Sexto Grado de Educación Primária) têm com a televisão, em termos de conhecimentos, hábitos e atitudes que adquirem no consumo diário de tevê. Para tanto, ele criou quatro questionários a partir de quatro categorias temáticas: hábitos e preferências televisivas, publicidade, violência e questões de gênero na televisão e realiza entrevistas semi-estruturadas sobre esses mesmos temas. As entrevistas serviram como instrumento de contraste e de ampliação dos dados obtidos com os questionários. A amostra era de 899 alunos, sendo que eram 428 meninas e 471 meninos. Os questionários eram auto-aplicáveis e cada aluno respondeu um bloco contendo os quatro questionários, com as categorias acima descritas. A análise desses questionários foi feita de forma descritiva, com a ajuda do SPSS, sendo produzidos tabelas e gráficos de percentagem e frequência, a partir dos quais ele apresenta as seguintes conclusões:

- Essas crianças são ávidas consumidoras de televisão: vêem mais de cinco programas diários numa média diária de três horas de consumo de tevê. Esses números aumentam nos fins de semana. Ele conclui que devido à grande *exposição* à televisão deve-se educar os estudantes para uma competência televisiva, evitando-se, desse modo, a influência negativa no estilo de vida dessas crianças;

- A maioria das crianças pesquisadas afirma que vê tevê porque se diverte ou se entretém com o meio, evidenciando o caráter lúdico da televisão. Para o autor: “A pesar de que conocen otras alternativas al medio para ocupar su tiempo libre, la oferta televisiva les resulta más atrayente”. (2000: 304). Quando respondem sobre quais são as razões para assistir a tevê, 70% deles afirmaram que o fazem para divertimento ou entretenimento e apenas 8% responderam que é para aprender mais;

- Relativo ao modo de ver, elas assistem acompanhadas tanto dos pais quanto de irmãos e amigos, indistintamente;
- Os programas preferidos são os seriados e os desenhos animados e os programas menos procurados são os informativos;
- Essas crianças não diferenciam a programação em função do gênero, assistem programas para meninos e meninas indistintamente;
- Compreendem que a violência exibida na televisão influencia suas vidas, mas, em menor escala, que influencia o comportamento das outras pessoas;
- Indicam filmes como o gênero televisivo mais violento, sendo que, para elas os gêneros televisivos menos violentos são os musicais e os concursos; 75% afirmam que na televisão há muita ou excessiva violência; desses 75%, 46% não gostam desta situação, 30% não se importam e 23% se divertem com a violência na televisão;
- As crianças afirmam que a escola tem um caráter formativo, sem indicar qualquer dimensão lúdica em oposição ao que a televisão oferece (afirmam que a tevê tem uma alta dimensão lúdica sem reconhecer seu caráter formativo).

Amanda Matos (2005) professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, em sua tese de doutoramento promoveu uma investigação sobre televisão, violência e crianças. Nessa pesquisa a autora delimitou alguns fatores pessoais, televisivos e contextuais que determinou serem potencialmente explicativos da relação entre violência televisiva e comportamento agressivo. Ela estudou 820 estudantes, com idades entre 9 a 16 anos, do distrito de Coimbra, com dois objetivos básicos: caracterizar e compreender os hábitos televisivos dessas crianças e jovens e analisar o papel mediador de alguns elementos na relação entre exposição à violência televisiva e comportamento agressivo. Utilizou estatísticas de caráter descritivo e *path analysis*. Os resultados obtidos através de *path analysis* indicam que a exposição à violência televisiva é uma variável preditora da agressão física, mas não é a única, nem a mais importante quanto à capacidade explicativa. Ela aplicou questionários de auto-resposta com os seguintes eixos de estudo: hábitos televisivos, exposição à violência televisiva e comportamentos agressivos; utilizou a escala de realismo percebido, além da escala empatia Bryant, o questionário de personalidade de Eysenck e a escala de prazer em ver violência na televisão. Também aplicou um questionário em professores, avaliando violência dos programas televisivos.

Quanto aos hábitos televisivos, os resultados da pesquisa apontaram que a maioria dos respondentes gosta muito ou muitíssimo de ver tevê (84,1%): a maioria (34,9%) vê entre uma a duas horas de tevê nos dias em que tem escola, sendo que 32,1% vê menos de uma hora e 17,9% assistem à televisão de 2 a 3 horas por dia. Entretanto, nos dias em que não há escola essas crianças e jovens dedicam mais de quatro horas por dia à televisão. Os participantes dessa pesquisa têm em média 2,79 televisores por casa e 42% deles têm acesso à tevê por assinatura.

Matos (2005) também observou a frequência da mediação parental, que foi subdividida em três aspectos: co-exposição, mediação restritiva e mediação avaliativa. A co-exposição indica o tempo de tevê que os respondentes vêem junto com os pais. Para obter indicadores desse tipo de mediação ela incluiu dois itens no questionário de hábitos televisivos, que foram: ver TV com os pais (nunca, algumas vezes, muitas vezes, sempre) e pais fazem companhia nos programas preferidos (nunca, algumas vezes, muitas vezes, sempre).

A mediação restritiva diz respeito ao controle que os pais exercem sobre o tempo de tevê e o tipo de programa assistido e sua ação foi avaliada através de respostas a dois itens do questionário; a mediação avaliativa dá a dimensão do diálogo parental sobre o conteúdo televisivo, ou seja, busca captar se os pais conversam sobre os programas de tevê e/ou ajudam os filhos a compreender os programas. Em suas conclusões, a autora apresenta uma discussão sobre o lugar que as crianças e os jovens atribuem à televisão em sua vida cotidiana (a televisão como divertimento e companhia - além desses indivíduos estarem impregnados num mundo imagético, com facilidades para entender a linguagem da tevê), bem como a acessibilidade que estes têm a essa mídia e a diversidade de oferta deste meio.

O Instituto IPSOS fez uma pesquisa em dez países, incluindo o Brasil, cujo objetivo era apreender os hábitos cotidianos de crianças e adolescentes nesses distintos países. Através de questionário respondido pelos pais das crianças com idades entre 2 e 17 anos, cuja questão central era “o que seus filhos fazem todos os dias?”, foram entrevistados 5500 pais e responsáveis, 500 em cada país (Alemanha, Brasil, Canadá, China, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México e Reino Unido). As respostas de maior incidência em cada país foram agrupadas em gráficos de percentagem simples (frequência). Essas são algumas



das atividades indicadas pelos pais: vêem televisão ou filme alugado, brincam com os amigos, brincam ou praticam esportes em equipe, usam o computador. Cabe destacar que, no Brasil, a amostra se restringiu apenas a grandes centros urbanos (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Porto Alegre). De acordo com esses dados, um número bastante significativo de crianças brasileiras, 43% em nenhuma hora brincam com amigos; 69% das crianças brasileiras em nenhuma hora usam o computador e, em contrapartida, 57% delas vêem no mínimo três horas de televisão diariamente ([www.ipsos.com.br](http://www.ipsos.com.br)).

Merlo Flores (2003) empreendeu um estudo internacional comparativo nos seguintes países: Argentina, Uruguai, Chile<sup>7</sup>. O estudo tinha como objetivo compreender como as crianças entendem a televisão e como desejariam que ela fosse. Para tanto, veicularam uma chamada em canais de televisões abertas, desses respectivos países com a seguinte pergunta: “TV, como te quero?”, onde crianças entre 7 e 13 anos eram convidadas a enviar suas respostas pelo correio convencional ou e-mails. (2003: 166). A metodologia aplicada nesse estudo não está especificada, apenas se sabe que foram recebidas 10.000 respostas e que foi selecionada para análise a amostra de 2.744 cartas. Uma das conclusões a que os pesquisadores chegam é que a televisão incorpora o pensamento mítico mágico de poder resolver os problemas, assim como convencer adultos a acabar com as guerras, dar notícias sobre o fim do problema do aquecimento global, bem como observa-se uma personificação do aparelho de tevê. Segundo Merlo Flores, as crianças estabelecem uma relação pessoal e íntima com a televisão: “podemos assegurar sem receio de errar, que o ‘para que’ da relação criança-televisão é afetivo-compensadora. Praticamente, não há crianças que se refiram à televisão a partir de um plano meramente racional; todos expressam emoções e afeto.” (ibidem: 169). A autora conclui que o fenômeno da televisão constrói identidades por via da lógica emocional, onde a aprendizagem e a socialização ocorrem de forma não-consciente e que, para compreender melhor esse fenômeno, cabe ao pesquisador operar com outros parâmetros, que não o da simples racionalidade. Na opinião dela, a relação que jovens e crianças estabelecem com a televisão é um processo ativo de produção de sentidos, que são efetivados por meio da

---

<sup>7</sup> O estudo de Tatiana Merlo Flores se circunscreveu a esses três países. Esse estudo integra um projeto de pesquisa patrocinado pelo UNICEF que abrangeu 10 países: além dos três estudados por ela: Espanha, Canadá, Grécia, Itália, África do Sul e Índia .

associação, da projeção e de identificação. Assim, como as crianças têm uma estrutura primária menos desenvolvida, estão mais vulneráveis aos efeitos inconscientes da imagem.

Inspirados nesta pesquisa, nós, do GRUPEM, realizamos um estudo<sup>8</sup> intitulado "Crianças, televisão e valores morais", que tinha como objetivo compreender e descrever a dinâmica das relações que as crianças estabelecem com a televisão e o modo como a prática de ver tevê interfere em seu cotidiano e se faz presente na configuração de suas identidades e valores. Como já dito anteriormente, essa pesquisa recebeu textos e desenhos de crianças da região sudeste, em resposta à pergunta: O que penso da tevê?

Nessa pesquisa (DUARTE: 2005), para a análise dos 1000 textos e desenhos adotou-se os seguintes procedimentos:

- a) Com apoio de um software para análise de variáveis quantificáveis (SPSS), realizou-se um levantamento estatístico, de modo a traçar um perfil geral das crianças participantes da pesquisa (idade, sexo, grau de escolaridade, tipo de escola — pública ou particular — e cidade de origem).
- b) Utilizando um software para análise de dados qualitativos (NUD\*IST), realizou-se análises temáticas descritivas dos textos das crianças, enumerando temas e definindo categorias que permitiram organizar a amplitude de informações contidas nesse material, tais como: opiniões e reflexões das crianças sobre os diferentes canais de tevê e sua programação, sobre seus programas prediletos, violência, o papel da tevê no cotidiano delas, o real e o ficcional, influência da tevê na sociedade, entre outros.
- c) Os desenhos foram digitalizados e disponibilizados em CD para os membros do grupo de pesquisa; foram realizadas descrições dos mesmos articuladas às temáticas que emergiram da análise dos textos.

No que diz respeito ao conjunto das crianças que nos enviaram desenhos e textos: trata-se de 981 crianças, a maioria delas (60 %) tem entre 9 e 11 anos; 46 % são meninos e 54 %, meninas (em 32 % dos desenhos não foi informada a idade); 64 % das crianças são oriundas de escolas públicas e 36 % de escolas particulares; 60 % residem em pequenas cidades e 22 % residem nas cidades de São Paulo (4,5 %) e Rio de Janeiro (17,5%). Não foi possível verificar variáveis

---

<sup>8</sup> Texto retirado da Revista Brasileira de Educação, set/dez, 2006, v.11, n. 33, p.497-510.

sócio-econômicas, pois dados referentes a estes aspectos não fazem parte das informações contidas nos textos.

A análise do material enviado pelas crianças nos permitiu formular algumas hipóteses a respeito das relações que elas estabelecem com a televisão e do modo como lidam com as questões recorrentes nos debates públicos sobre televisão: violência, relação entre ficção e realidade, consumo excessivo de produtos televisivos, adequação da programação às faixas etárias, entre outras. Foram realizadas análises temáticas, descritivas dos textos; os resultados foram cruzados com uma interpretação geral dos desenhos, isto é, articulando desenhos e textos que tratavam de uma temática específica, como violência, por exemplo.

As análises dos textos indicaram, em linhas gerais, que:

- a) essas crianças querem muito ser ouvidas quanto o que pensam sobre a tevê: acham que têm muito a dizer sobre o assunto e que gozam de absoluta legitimidade para fazê-lo.
- b) assim como as crianças espanholas (Aguaded, 2000), as crianças que participaram de nossa pesquisa as crianças queixaram-se em suas cartas do excesso de imagens de violência «real» exibidas na televisão, imagens que associam diretamente aos telejornais; afirmam que não querem mais ver mortes, assaltos, assassinatos, tragédias, pois cenas desse tipo «fazem as pessoas lembrar de coisas que elas querem esquecer»;
- c) elas afirmam, de forma recorrente, que adoram ver tevê e que não se importam com o que os adultos dizem a esse respeito;
- d) gostam de quase todos os gêneros de programas veiculados pela tevê: novelas, desenhos animados, programas humorísticos, filmes, seriados, «programas sobre bichos e sobre plantas» e «até programas educativos» e fazem críticas pertinentes e bem elaboradas ao que consideram ruim ou pernicioso ou inadequado;
- e) a televisão é fonte de lazer quase exclusiva para muitas dessas crianças, que argumentam que sem ela não teriam nada para fazer;
- f) essas crianças, em sua maioria, analisam a televisão com competência, quase como especialistas: demonstram conhecer a tevê também pelo lado de dentro, conhecem as linguagens de que ela se utiliza, sua estrutura de produção, sua lógica interna e modos de intervenção.

Discutem com relativa precisão as diferenças e semelhanças entre os diversos canais e programas, tecem considerações pertinentes sobre eles, comparam as

grades de programação segundo a qualidade dos produtos exibidos, não necessariamente aqueles que são endereçados a elas, e tecem críticas a esse ou àquele produto em especial; identificam o endereçamento dos produtos veiculados — a que público eles se destinam, a que faixa etária etc. — e emitem suas opiniões tendo como base essa percepção; percebem a diferença entre novelas e seriados e entre seriados brasileiros e seriados estrangeiros.

Essa «expertise» parece ter sido conquistada, mais do que adquirida em razão da participação em atividades educativas realizadas com este objetivo, pois são poucas e pontuais as ações institucionais destinadas ao que se convencionou chamar de educação para os meios. Os textos que recebemos sugerem que os conhecimentos de que as crianças lançam mão para dialogar com a tevê advém, principalmente: a) do convívio diário, prolongado e precoce com a televisão que, articulado a muitas conversas sobre o tema com os pares e com os adultos lhes concede um domínio das linguagens e formatos televisivos; b) do que lêem e ouvem a respeito da televisão; c) do uso recorrente e paciente do controle remoto para escolher o que desejam ver (os textos que recebemos nos informam que elas vêem diferentes canais ao longo do dia e sabem, exatamente, o horário e o canal nos quais são exibidos seus programas favoritos); escolher o que desejam ver parece ser uma prática muito valorizada por elas, pelo menos é o que sugere a presença em um número muito significativo dos desenhos enviados a nós, de um grande, colorido e detalhado aparelho de controle remoto ao lado do aparelho de televisão.

A partir desse estudo decidimos desenvolver uma nova pesquisa com o objetivo de aprofundar as informações já coletadas nas cartas das crianças e para coletar novos dados. Não sabíamos com quem viam tevê, quais eram seus programas prediletos, se a escola interferia ou não nessa relação, se tinham tevê por assinatura, se buscavam informações sobre a tevê, se discutiam sobre televisão com seus pares ou com adultos, se deixavam de fazer outras atividades de lazer para ver televisão ou mesmo qual era o perfil sócio-econômico destas crianças. Temos certeza de que não respondemos a todas essas questões, mas sem dúvida este estudo nos permitiu chegar um pouco mais perto do que desejamos saber.